

Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

Laetícia Jensen Eble

O falso mentiroso: memórias, mais recente romance de Silviano Santiago, remete-nos ao paradoxo de Euclides de Mileto, que diz: se alguém afirma “eu minto”, e o que diz é verdade, a afirmação é falsa; e se o que diz é falso, a afirmação é verdadeira, e por isso, novamente falsa etc. Esse paradoxo funciona como uma espécie de mote para o romance, e a partir do qual o autor estabelece um diálogo com a literatura, visto que, para ele, “a ficção é, antes de mais nada, enquanto configuração ou definição, uma mentira, uma invenção, uma fabulação. Uma mentira, uma invenção, uma fabulação que acompanhada da palavra ‘ficção’ ou da palavra ‘literatura’ adquire um valor de verdade sobre aquele tema que está sendo tratado”.

Iniciando a leitura, nosso primeiro impulso é tentar descobrir quem é o falso mentiroso. São muitas possibilidades: pode ser o próprio Silviano, ficcionista, criador de men-

³ Lauretis, Teresa de. “A tecnologia do gênero”. Trad. de Susana Borneo Funck, em Hollanda, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 209.

tiras. Pode ser Samuel, narrador romanesco (e por isso também falso), falso por ser adotivo, além de ser falsário e mentiroso. Avançando na narrativa, surgem mais opções: conhecemos Eucanaã, o pai adotivo (falso) de vida dupla, que mentiu até morrer. Até que, desorientados, desconfiados se o falso mentiroso não é nosso próprio desígnio, ao apregoarmos verdades (?) na tentativa de endossar essa grande mentira a que chamamos literatura.

Voltar-se para o passado como forma de entender e explicar a si mesmo, esse é o sentido das memórias. Para escrevê-las, criando uma narrativa autobiográfica, o primeiro passo de Samuel é desvendar a incógnita de seu nascimento. Sua vida construiu-se baseada numa mentira, pois, ao nascer, foi tirado de sua mãe biológica e entregue aos pais adotivos (ou “falsos”, como preferia qualificá-los). Samuel nos apresenta várias explicações para sua existência, criando diversas cópias possíveis de seu original (o menino que nasceu na maternidade). Registrado com dezenove dias de diferença, assume-se, desse modo, um ser falso, cópia de um original esquecido no tempo. Multiplica-se em vários *eus*. Se o narrador é plural, seus recursos narrativos também são.

Samuel torna-se pintor, mas na busca de um estilo próprio, descobre ter talento para a cópia, dedicando-se a falsificar as xilogravuras de Osvaldo Goeldi – como ele mesmo diz, não gostava de criar nada a partir do zero. Durante sua infância, ao espreitar sua mãe (a falsa) maquiando-se em frente à penteadeira, Samuel aprendeu a gostar mais da representação do que da realidade. Aprendeu a ser contra a coisa real e “a favor de algo extra que você acrescenta à coisa real para que ela, sem se tornar irreal, seja mais bonita, frajola e fofa do que já é” (p. 141). Afirmando o gosto pela cópia, a “autêntica cópia legítima” (p. 142), a imagem retocada, adota todo um discurso teórico transgressor para convencer o público, e principalmente os críticos, do valor de seu trabalho. Para ele “a cópia é platônica. Reino do belo, do bem e do bom. A cópia substitui o feio, o mal e o mau. (...) Aqui, na realidade, as coisas são o que podem ser. Lá, na representação, as coisas são o que devem ser” (p. 143).

Contradizendo a afirmação platônica de que a cópia é ilegítima, Samuel, o falso mentiroso – ou um dos – assume-se capaz de recriar o mundo copiando o que aí está, e por suas mãos de artista, conferir-lhe a perfeição que lhe falta, o diferencial que agrega valor: “Sou original na maneira de conceber. Olho para copiar. Copio para enxergar” (p. 185). A cópia, assim concebida, envolve o conceito de apropriação. Ao apropriar-se da obra de Goeldi, Samuel contesta a propriedade dos objetos (Santiago também se apropria intertextualmente de várias obras para construir seu texto) e, ao produzir algo diferente do modelo, permite uma nova interpretação, novos olhares dotados de força crítica. Ao valorizar a cópia, promove ainda a dessacralização do artista. É latente a

intenção de Silviano Santiago de fazer de seu romance o ambiente para discutir a questão da mimese, da paródia e da originalidade, embutidas no discurso de Samuel. Nesse sentido, pode-se afirmar que *O falso mentiroso* constitui-se numa obra conceitual.

Os demais personagens emergem das memórias de Samuel contribuindo com aspectos relevantes para a constituição da sua identidade. É principalmente em função das interações com o amigo, Zé Macaco, com seu pai, Eucanaã, e com sua mãe, Donana, que ele justifica suas ações, constrói sua personalidade e adquire ensinamentos que, internalizados, passam a orientar suas escolhas, até mesmo as estéticas. Uma das primeiras lições de que toma consciência lhe é dada pelo pai (o falso), que mostrou pela lógica de um mendigo que carregava um balão vermelho e um guarda-chuva verde, aberto em manhã de sol escaldante, que “a contradição está na cabeça do observador” (p. 74).

Estamos diante de um narrador em primeira pessoa, e é por meio dele que conhecemos os outros personagens, pintados a seu gosto, medidos com sua balança, condenados conforme seu juízo. A narrativa é desequilibrada pelo viés psicológico de Samuel e permeada por suas próprias experiências. Relatando-nos seu passado, parece querer justificar-se, e nos convencer de seus motivos. Somos manipulados por seu discurso, que nos transforma em confidentes, analistas, cúmplices e juízes de tudo que nos conta. E o pior é que o mentiroso consegue nos convencer. Tornamos-nos vítimas da sua astúcia enganosa, deixamo-nos levar pelas histórias daquele que se passa por velho amigo, pelo tom de permissividade com que trata seu leitor. Empregando uma oralidade similar a conversa de botequim, Santiago nos coloca íntimos de Samuel, e pouco a pouco vamos ficando ávidos para ouvir o desenrolar mirabolante de sua história pessoal.

Repleta de afirmações ambíguas e metalingüísticas, a narrativa expõe digressões filosóficas entremeadas com o linguajar chulo a que o narrador recorre todo o tempo. Samuel mostra-se um homem extremamente culto, porém, faz uso de uma linguagem tosca, de baixo calão. Silviano Santiago afirma que sua intenção ao lançar mão desse recurso era chocar. Mas, se por um lado esse contraste choca, por outro, diverte. O uso de algumas expressões beira o exagero, e de tão grotesco e escrachado, acaba sendo humorístico, satírico, o que arranca o leitor da monotonia.

Seguimos a leitura, atentos e desconfiados de tudo que nos diz, mas aos poucos, como bom mentiroso, assim como o faz o bom escritor, Samuel nos enreda com sua história e somos forçados a acreditar nas suas aventuras, por mais absurdas que pareçam. E aí Silviano usa e abusa da verossimilhança. O que é a verossimilhança, senão a criação de uma mentira tão boa que possa passar por verdade? O autor parece “pensar alto”, manifestando sua preocupação por meio do seu personagem narrador: “Estas memórias têm de ter o mínimo de verossimilhança. Interna” (p. 136). E é assim que

pretende fazer-nos acreditar que Zé Macaco, herói humilde, filho de uma doméstica, “executava” o Hino Nacional emitindo seus gases intestinais, “afiava o instrumento de trabalho na brachola do barbeiro do bairro” (p. 36) e que, graças ao seu “dom”, era capaz de domar os leões do circo.

Enquanto o leitor busca a verdade, a mentira o orienta, é o fio estruturador, do início ao fim do livro. Na areia movediça em que nos vemos colocados, a verdade torna-se impalpável. A verdade desse livro é a verdade de Samuel, que não passa de uma mentira. Mas como saber?

Teoria e crítica literária, filosofia, sociologia, psicanálise, reflexão cultural etc. formam o caldo grosso em que Silviano desenvolve seu pensar sobre a arte contemporânea, e por que não dizer, sobre o homem contemporâneo. Silviano Santiago expõe pontos de vista, estabelece um diálogo entre ficção e teoria, já que uma depende da outra, uma se alimenta da outra, no quadro evolutivo da arte, da literatura. Aproveitando-se da sua própria condição, como escritor e crítico literário, submete-se a essa experiência, convida-nos a participar da conversa, e a questionar o mundo utilizando a literatura como ferramenta. Remexer no passado e refletir sobre ele podem explicar muita coisa. A literatura está o tempo todo olhando para o passado para se entender, amadurecer e evoluir. Assim faz a sociedade por meio da história. Assim faz o homem por meio das suas memórias.